



Reflorestamento baseado na valorização dos sistemas agroflorestais nos movimentos sociais do Haiti

Por Wallens Onesias, para a RAÍZES

26 / 03 / 2025

O Haiti é um país caribenho localizado na parte ocidental da ilha de Hispaniola, que compartilha com a República Dominicana. A ilha fica entre Cuba e Jamaica, a oeste, e a ilha de Porto Rico, a leste. Mais de 50% da população do Haiti vive na pobreza e não tem acesso a serviços básicos[1].

As raízes do desmatamento no Haiti

A República do Haiti, que ocupa a parte ocidental da ilha de Hispaniola, é dominada por 75% de terreno montanhoso e apenas 25% de terreno plano, ou seja, as montanhas ocupam 20.000 km² dos 27.560 km² do país[2]. Ao longo de sua história, o campesinato haitiano desenvolveu métodos e técnicas agrícolas adaptados à agricultura de montanha. Os lotes próximos às casas ou jardins "lakou" são caracterizados por um sistema



agroflorestal denso em que todos os estratos de vegetação são explorados. Com origem no período colonial, o cultivo de café e, em menor escala, de cacau, sob a cobertura de árvores, há muito tempo permite o desenvolvimento sustentável das terras montanhosas. Porém, após o declínio dos preços do café com a liberação do mercado no final da década de 1980 e as várias crises econômicas ligadas à instabilidade do país, as áreas de cultivo de café diminuíram consideravelmente em benefício da agricultura de subsistência[3].

Ao mesmo tempo, a pressão populacional aumentou de 185 habitantes por quilômetro quadrado na década de 1980, para quase 300 habitantes por quilômetro quadrado atualmente, com uma população de mais de 8 milhões de habitantes [4]. Com a forte pressão populacional, até mesmo as terras mais íngremes são valorizadas para que a agricultura de subsistência sobreviva sem estruturas antierosivas e em áreas muito limitadas, geralmente inferiores a 0,5 ha. As espécies cultivadas são fortemente heliófilas, como feijão, milho, inhame e batata-doce. Portanto, a árvore perdeu gradualmente seu lugar na agricultura haitiana.

O Haiti é, portanto, um dos países mais pobres do continente americano (158^o de 193 na classificação do IDH de 2022[5]) e a população, 60% da qual é rural, vive predominantemente abaixo da linha da pobreza[6]. Nas áreas rurais, os serviços básicos para a população são muito escassos (escolas públicas, centros de saúde, delegacias de polícia, tribunais, estradas, mercados). O acesso limitado a esses serviços geralmente exige o deslocamento até a cidade, o que representa custos significativos para as famílias rurais. Nesse contexto econômico e social deprimido, com a alta demanda por carvão vegetal em todo o país para uso doméstico, a derrubada de árvores está atingindo proporções extraordinárias. De fato, a árvore se tornou o último recurso, e a venda de carvão vegetal permite que os agricultores cubram necessidades urgentes de liquidez. A cobertura florestal atual do Haiti é estimada em menos de 2%[7]. Isso representa a floresta natural residual concentrada no nível dos maciços de Selle e Pic Macaya, na península sul do país, uma floresta dominada por *Pinus occidentalis*, um pinheiro endêmico da ilha de Hispaniola, ameaçado de extinção.

No entanto, os traços do período colonial, da exploração dos recursos naturais e humanos, estão categoricamente refletidos em todos os aspectos relacionados às questões ambientais. Hoje, estima-se que haja menos de 1% da cobertura vegetal nativa do território[8].

Está claro que as consequências são alarmantes. Os solos pobres em nutrientes desde sua origem estão se tornando cada vez mais inférteis devido à falta de cobertura vegetal e à falta de um gerenciamento adequado por meio de métodos eficazes que permitam sua recuperação. Os recursos hídricos diminuem significativamente a cada ano. Quando há esse desmatamento acelerado, o solo perde toda a sua fertilidade devido à erosão e a terra



perde sua produtividade. Desde o surgimento dos primeiros projetos de reflorestamento em 1940, houve muitos fracassos e pouquíssimos experimentos produziram resultados satisfatórios.

Experimentos de reflorestamento em larga escala foram implementados na década de 1990. Entre eles, o projeto Assistência técnica para a proteção de parques e florestas (ATTF), financiado pelo Banco Mundial, e o programa Sistema de uso produtivo da terra (PLUS), financiado pela USAID e implementado por grandes ONGs dos EUA (CARE e Fundação Pan-Americana para o Desenvolvimento-PADF). Apesar dos milhões de dólares gastos, poucos resultados tangíveis desses importantes programas permanecem no local. As plantações foram estabelecidas sem que os modelos escolhidos levassem em conta o lugar da árvore nas fazendas, tanto os produtos da árvore esperados pelas famílias dos agricultores quanto o uso das árvores como capital que pode ser rapidamente mobilizado na forma de carvão vegetal em caso de necessidade financeira urgente. Além disso, muitas vezes foi dada prioridade à produção de mudas em viveiros e à distribuição aos agricultores. Em ambos os casos, há uma falta de monitoramento do desenvolvimento adequado das mudas ou plantações.

Associações locais

As associações locais são frequentemente mencionadas como uma terceira categoria de atores envolvidos em questões ambientais no Haiti. Algumas delas não são homogêneas, outras são um continuum de grandes ONGs internacionais representadas no Haiti. Outras são agrupamentos de plataformas de organizações que não são especificamente grupos ambientais, mas que realizam ações concretas em defesa ou proteção do meio ambiente. Para as associações que dependem de organizações estrangeiras, o uso de carvão vegetal como combustível é uma das principais causas da degradação ambiental no Haiti[10]. Quando se tem um país que não está governando, o Estado não investe no país, a população fica abandonada, o carvão vegetal se torna uma fonte de renda para os camponeses que não têm escolha, porque as autoridades não lhes oferecem uma alternativa que possa compensar isso. Está claro que o que está acontecendo não é espontâneo.

Os movimentos buscam construir métodos eficientes de restauração ambiental que promovam a recuperação dos recursos naturais, mas também levam em conta o aspecto social, considerando questões econômicas e práticas culturais. Assim, os sistemas agroflorestais (SAFs) surgem como uma possibilidade de oferecer soluções concretas, pensando nos aspectos ambientais, sociais, econômicos e políticos.

Já havia experiências práticas que começaram a promover a produção de mudas e a construção de bancos de sementes em quatro departamentos do país por meio da



plataforma 4G: MPP (Movimiento Campesino de Papaye), Tet kole Ti Peyizan (TK) y MPB (Movimiento campesino Bayonet) es decir, son 3 organizaciones que se encuentran en 2 departamentos diferentes del país (Centro, Artibonite). As espécies propagadas buscam respeitar as propostas dos Sistemas Agroflorestais, considerando as diferentes funcionalidades das plantas e seus objetivos, com prioridade para as plantas madeireiras, frutíferas, forrageiras e ornamentais.

Com as quatro organizações, o objetivo é promover ainda mais a produção de mudas e os bancos de sementes. Quando as mudas atingem o tamanho ideal, elas são distribuídas às comunidades e, em alguns casos, trocadas por sementes.

Nesse processo, foram coletadas informações importantes, destacando o interesse das famílias em trabalhar com consórcios em suas unidades de produção, pois essa é uma prática que lhes permite produzir maior quantidade de alimentos em pequenas áreas de terra, é possível criar uma maior diversificação de lotes, melhorar significativamente a qualidade do solo e promover práticas agroecológicas para o controle de insetos e doenças. Por fim, os viveiros comunitários e satélites têm grande potencial para promover a organização dos camponeses em seus territórios. A partir do método de agricultor-agricultor, método em que os agricultores podem trocar seus conhecimentos e práticas e reafirmar a importância de desenvolver atividades com caráter experimental, mostrando assim as potencialidades e os desafios existentes em cada território.

Principais causas do desmatamento no Haiti

O Haiti nem sempre foi uma terra devastada pela exploração madeireira desenfreada. O país era habitado pelos Arawak e pelos Taino antes da chegada de Cristóvão Colombo em 1492, no cais de San Nicolas. Esses nativos viviam dos frutos da terra e se dedicavam à caça e à pesca. Havia menos de um milhão de habitantes em toda a ilha. "Nossas florestas, onde abundam árvores frutíferas de todos os tipos, os isentaram do árduo trabalho da agricultura. Em vez disso, eles se dedicavam à pesca e à caça, cujos produtos, juntamente com a batata, o milho e a mandioca, forneciam sua alimentação". De fato, isso explica por que a derrubada de árvores para fins agrícolas não era sua preocupação. Além disso, eles não sabiam da existência de outros mundos e, portanto, podiam fazer comércio com eles. Após o período colonial, muitas coisas mudaram na ilha.

De acordo com Paul Moral em "Le Paysan Haïtien" [11], a colonização que enriqueceu a flora de Saint-Domingue também deu início ao desmatamento, especialmente após 1770, com o progresso rápido e um tanto desordenado da especulação cafeeira. Autores do final do período colonial já denunciavam os efeitos nocivos do desmatamento das colinas. Depois de 1804, o desmatamento assumiu um caráter devastador. Ao longo da história do Haiti, houve dois tipos de desmatamento: o desmatamento parasitário de origem urbana



e o desmatamento fundamental de origem camponesa. O primeiro se manifestou principalmente na derrubada maciça de madeira e corantes para exportação (mogno, madeira de Campeche etc.), que continuou por cerca de um século até que as reservas se esgotaram quase completamente. De acordo com dados históricos, em 1896, as exportações de corante do Campeche atingiram um milhão de quintais (aproximadamente 50.000 toneladas), representando o produto de exportação mais significativo da região naquele período[9].

Desde a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, as exportações de madeira praticamente cessaram, mas o desmatamento urbano continuou para a fabricação de carvão vegetal, o fornecimento de combustível e tábuas para as ferrovias de Artibonite e Northern Plains, as necessidades de construção (madeira para escoras e serrarias) das fábricas de cerâmica e tijolos e o fornecimento para as corporações.

Infelizmente, no Haiti, algumas das funções mencionadas acima têm prioridade sobre outras. Esse é particularmente o caso da função econômica. De fato, a produção de madeira para combustão é considerada a principal função econômica das árvores no Haiti. A madeira, seja diretamente ou transformada em carvão vegetal, cobre 72% das necessidades energéticas do país, estimadas em 2 milhões de toneladas de óleo equivalente[12]. Essa prática energética é uma das principais causas do desmatamento das montanhas, com todas as consequências que conhecemos.

Consequências

O desmatamento levou à erosão do solo, o que reduziu a produção agrícola e causou deslizamentos de terra mortais devido às chuvas torrenciais que transbordam e aumentam porque não foram absorvidas ou, pelo menos, desaceleradas pela natureza ao redor.

O ambiente natural das cidades é esmagado pela presença humana e sofre com a falta de saneamento. Grandes favelas, principalmente ao redor da capital Porto Príncipe, são habitadas por pessoas que vivem na pobreza e em condições insalubres.

O desmatamento também leva ao surgimento e ao aparecimento de zonas áridas, enquanto recentemente essas zonas, localizadas em zonas climáticas tropicais, eram fortemente irrigadas por chuvas regulares. Na costa, a terra está recuando ainda mais rapidamente em direção ao mar, vítima da forte erosão do solo.

Materiais e métodos



O projeto de reflorestamento é uma atividade desenvolvida por organizações de agricultores, implementada por meio de abordagens participativas nos diferentes locais de intervenção do projeto nas várias organizações de agricultores.

Produzir e proteger , uma alternativa para combater o desmatamento



Viveiros de mudas. Fotos: Wallens Onesias

O estabelecimento de viveiros satélites oferece uma maneira alternativa de se aproximar das áreas de reflorestamento. Esses viveiros também facilitam a distribuição de mudas para os agricultores em suas comunidades.

Em todos os movimentos sociais no Haiti, um dos principais eixos em que os movimentos sociais intervêm é a proteção do meio ambiente, razão pela qual o reflorestamento baseado em sistemas agroflorestais é uma alternativa que gera fontes de renda para os camponeses.

Um dos principais projetos das organizações de agricultores é produzir 50 milhões de árvores para ajudar a reflorestar o país. É necessário não apenas plantar florestas energéticas, mas também valorizar áreas baseadas em sistemas agroflorestais (SAFs). A otimização das áreas plantadas com árvores proporciona sombra, protege o solo (combate a erosão) e fertiliza o solo.

Nos casos de áreas de sistemas agroflorestais valorizados, eles conservam a fertilidade do solo, fornecem renda suplementar (em produtos não madeireiros) e produção de alimentos, como batata-doce, mandioca, cana-de-açúcar e outras culturas agrícolas.



Fortalecimento e sustentabilidade: uma abordagem de reflorestamento

Nos movimentos sociais que fazem parte do projeto de reflorestamento, as atividades para estabelecer florestas energéticas já começaram. Por exemplo, no MPP uma das estratégias desenvolvidas para o crescimento bem-sucedido das mudas é usar nossos grupos, associando as árvores a culturas agrícolas (SAFs). Com esse método, não apenas a manutenção das árvores é garantida, mas também os grupos se reúnem e aproveitam as mudas para produzir os alimentos necessários.

Para essa atividade, diferentes grupos são treinados em técnicas de conservação do solo e da água e no manejo de árvores em plantações. Os grupos receberam materiais como enroladores de cabos para garantir a segurança das áreas plantadas.

Criando oportunidades para o futuro

A atividade de produção de mudas e bancos de sementes, iniciada em 2020, busca objetivos ambiciosos: reflorestamento, bancos de sementes, valorização de sistemas agroflorestais resilientes e sustentáveis, aumento da margem agrícola por hectare em média e participação ativa de mulheres e jovens em todas essas atividades.



SAF local. Foto: Wallens Onesias.

Enquanto o ambiente rural haitiano enfrenta uma grande degradação dos ecossistemas e passa por um fenômeno significativo de êxodo de jovens para as cidades e outros países,



que priva o ambiente rural de forças vivas e dinâmicas, o estabelecimento de florestas energéticas e a valorização de sistemas agroflorestais contribuem para novas relações com jovens agricultores rurais no setor agrícola, vitais para a economia das comunidades rurais, e permitirão o surgimento de uma nova classe de agricultores capazes de introduzir inovações técnicas e tecnologias para um melhor desenvolvimento e preservação do potencial local.

Sucessos alcançados de 2020 até o momento com os berçários e os SAFs

Desde o início do projeto até os dias atuais, uma série de ações foi realizada com base na produção de mudas florestais e frutíferas. Esse foi um dos eixos centrais das atividades do projeto. Em apenas quatro anos, a plataforma 4G (MPP, MPB, Tk e KROS) são organizações de agricultores, atores na implementação do projeto, e conseguiram produzir 315.000 mudas florestais e frutíferas. Essas produções foram destinadas à distribuição nos municípios mais próximos dos departamentos de produção. Eles também conseguiram estabelecer 12,9 hectares de florestas, com base em sistemas agroflorestais.

Os sistemas agroflorestais são uma alternativa implementada em movimentos sociais com o objetivo de retornar às práticas ancestrais; atualmente, essas práticas estão quase desaparecendo nas comunidades rurais e camponesas. É uma oportunidade para que as organizações camponesas integrantes do projeto AIP (Assembleia Internacional dos Povos) continuem fortalecendo os agrupamentos na dinâmica de reflorestamento das áreas desmatadas.

As organizações camponesas e sociais são as que promovem o paradigma da soberania alimentar por meio da agroecologia no Haiti, como uma abordagem integral que busca a sustentabilidade social, econômica e ambiental dos sistemas de produção.

Mais cedo ou mais tarde, as ações tomadas pelos movimentos de agricultores erradicarão os problemas das crises ambientais que nos afetam. O reflorestamento baseado em sistemas agroflorestais proposto por organizações camponesas parece ser uma das melhores e mais abrangentes respostas de longo prazo à crise ambiental que o país enfrenta.

Referências

[1] Nações Unidas, 2024. "A fome aguda atinge metade da população do Haiti", UN News - Global Overview Human Stories. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2024/09/1533176#:~:text=Mientras%20Haití%20enfrenta%20una%20grave%20crisis%20de,nacionales%20más%20altas%20de%20inseguridad%20alimentaria%20aguda>



- [2] Felima, C. (2010). Múltiplos perigos da vulnerabilidade haitiana: como os fatores socioeconômicos e políticos exacerbam os riscos ambientais no Haiti.
- [3] Alain de Janvry, 2010. "L'urgence haïtienne : soutenir une agriculture de subsistance". Le Monde. Disponível em en: https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/02/03/l-urgence-haitienne-soutenir-une-agriculture-de-subsistance-par-alain-de-janvry_1300573_3232.html?staled=1
- [4] Bennani S., Dory V., 2003. Diagnóstico agrário da área de captação do rio Fond Melon. IRAM – CICDA – CROSE. 91p
- [5] Relatórios de Desenvolvimento Humano, 2022. "Informações sobre o desenvolvimento humano - Haiti". Disponível em: <https://hdr.undp.org/data-center/country-insights#/ranks>
- [6] Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSI), 2003. Disponível em: https://ihsi.gouv.ht/recensement/resultat_rgph_2003
- [7] Ministério das Relações Exteriores, União Europeia e Cooperação, 2024. Escritório de Informações Diplomáticas. Disponível em: https://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/haiti_ficha%20pais.pdf
- [8] Hedges, S. & Cohen, Warren & Timyan, Joel & Yang, Zhiqiang. (2018). A biodiversidade do Haiti está ameaçada pela perda quase total da floresta primária. Anais da Academia Nacional de Ciências. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1809753115>
- [9] López, C. V., 2008. A regional history in three times: Campeche 18th-20th centuries. Península vol.3 no.2 Mérida Jan. 2008. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-57662008000200003&script=sci_arttext
- [10] Murray, Gerald F., & Bannister, M. E. (2004). Camponeses, agrossilvicultura e meios de subsistência no Haiti: vinte e cinco anos de projetos ambientais da USAID.
- [11] Moral, P. (2003). O camponês haitiano: Um estudo da vida rural no Haiti.
- [12] Berg, K. E. (2024). Alternativas de combustível para países em desenvolvimento. Integração de paisagens: Agrofloresta para Conservação da Biodiversidade e Soberania Alimentar (pp. 487-510). Cham: Springer International Publishing: Alternativas de combustível para países em desenvolvimento.
-